

Feminejo e a representação política não eleitoral: um estudo sobre a cobertura jornalística das cantoras de música sertaneja e temáticas feministas¹²

Tayrine Vaz SILVA³

Regiane de Oliveira Lucas GARCÊZ⁴

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

O presente artigo discute a noção de representação por perspectiva (Young, 2000), também conhecida como discursiva ou não eleitoral (Saward, 2010; Dryzek, & Niemeyer, 2008; Urbinati, 2006) a partir de um estudo sobre a representação exercida pelas cantoras brasileiras de músicas sertanejas acerca de temas relacionados ao feminismo. A metodologia de pesquisa combinou análise de conteúdo e mapeamento de demandas de representação (Saward, 2010) e foi realizada em matérias de jornais online, sites e blogs de notícias brasileiros. O material foi organizado em a) tipo físico, b) independência financeira e sucesso profissional e c) feminismo e empoderamento. Conclui-se que ainda que vários aspectos das lutas feministas sejam defendidos pelas cantoras, o rótulo de feministas é rejeitado por elas, o que não necessariamente invalida o posicionamento das artistas do *feminejo*.

Palavras-chave

Feminejo, Representação por perspectiva, Mulheres, Feminismo

A música sertaneja vem sendo palco da inédita guinada feminina. As mulheres que cantam o gênero têm dominado o topo das músicas mais ouvidas no Brasil, assumindo os primeiros lugares entre as mais ouvidas⁵ e nas plataformas digitais, com um grande número de visualizações no YouTube. Elas surgem em 2011, quando a cantora Naiara Azevedo gravou “Coitado”, do álbum “Ao vivo”, em resposta ao conteúdo considerado machista da música “Sou foda” de Carlos e Jader⁶. De lá para cá, despontaram diversas mulheres que fazem sucesso com músicas que exaltam o poder feminino, clamam pela igualdade de gênero e desconstroem padrões denominados

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Agradeço às contribuições feitas por Abner Rodrigues dos Reis para a realização do teste de confiabilidade e também ao CNPq, pelo auxílio financeiro concedido à pesquisa.

³ Aluna de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista de iniciação científica. vstayrine@gmail.com.

⁴ Orientadora do artigo e professora adjunta do departamento de Comunicação Social UFMG. regianelucasgarcez@gmail.com

⁵ “Infiel” de Marília Mendonça 2º lugar das músicas mais tocadas nas rádios brasileiras em 2016, segundo levantamento do G1 (<https://goo.gl/P77tH8>)

⁶ Disponível em <https://goo.gl/6S4vGf>.

masculinos, com destaque para as cantoras Marília Mendonça, Maiara e Maraísa, Simone e Simaria, e Naiara Azevedo, alvo da nossa análise.

O termo *feminejo* surge a partir não só do aumento de mulheres que cantam a música sertaneja, mas também de uma nova imagem das mulheres representadas nas músicas, que passam a ser mostradas como protagonistas e empoderadas nas relações de trabalho ou afetivas. O termo alcançou notoriedade na mídia e passou a ser usado para referenciar as cantoras em reportagens. Entretanto, ele não está ligado somente ao sucesso feminino. Busca-se evidenciar neste trabalho exatamente o universo simbólico, cultural e político que alimenta o fenômeno. Procuramos compreender como a representatividade da temática feminista que aparece nas letras das músicas reverbera em reportagens sobre o tema. Realizamos uma análise do *falar em nome de*, ou seja, do processo de representação por perspectiva para identificar esses elementos que compõem o universo feminista. Com discursos que podem ser atrelados ao feminismo, as músicas apresentam temas como o direito da mulher ao próprio corpo, a desconstrução de estereótipos, entre outros.

Além da pouca representatividade nas esferas políticas (Miguel e Biroli, 2014), a mulher nesse gênero musical foi muitas vezes relegada ao papel de coadjuvante/compositora, com o discurso de que na música sertaneja “mulher não vai pra frente”⁷. Em um ambiente predominantemente machista, poucas ao longo dos anos conseguiram dar voz às próprias composições. Entre as que conseguiram estão as precursoras Irmãs Galvão⁸, que despontaram em 1947 e estão ainda hoje no mercado, Roberta Miranda, e na década de 2000 Paula Fernandes, Maria Cecília (da dupla Maria Cecília e Rodolfo), e outras.

Apesar dessa presença anterior das mulheres, consideramos que as músicas eram diferentes das atuais e na maior parte românticas. São conhecidas as letras de “Beijinho doce”, de As Galvão, e “Pra você” de Paula Fernandes (Eu quero ser pra você/A lua iluminando o sol/Quero acordar todo dia/Pra te fazer todo o meu amor). Com o *feminejo*, muitas reportagens destacam letras que refletem mulheres empoderadas, com discursos de sororidade, emancipação sentimental e financeira e igualdade de direitos.

Ela precisa saber que ele não presta
E que é infiel
Eu já sofri nas mãos desse homem

⁷ “...Muitos empresários falaram pra gente que dupla de mulher não dá certo, não vai pra frente” fala de Maiara em <https://goo.gl/q2MZmD>.

⁸ A dupla mudou o nome artístico de “Irmãs Galvão” para “As Galvão”.

Meu Deus do céu (“Ex do seu atual” de Naiara Azevedo, do álbum Totalmente diferente, 2013)

Tá pra nascer
Alguém que manda em mim
Que possa me impedir de ser feliz
Tá pra nascer
E não vai ser você
Sou vacinada e mando em meu nariz (“Chora Boy” de Simone e Simaria, do álbum Live, 2016)

Desse modo, é também nosso objetivo discutir o fenômeno da representação política para além das eleições, partidos ou governos. Compreendemos que discursos que falam em nome de alguém – no caso, da mulher brasileira – ou de alguma perspectiva – no caso, a pauta feminista – são também discursos de representação política. Assim como Young (2000), pretendemos evidenciar que a representação política por perspectiva pode se dar em diversos formatos para além de proferimentos formais. Diferentes modos comunicativos como reportagens, imagens ou expressões artísticas como a música sertaneja podem dar a ver demandas de representação.

Para compreender como a abordagem considerada feminista reverbera em reportagens sobre o tema, faremos uma discussão sobre a representatividade da temática feminista. Na primeira seção, discutimos o conceito de representação por perspectiva, a partir da análise de quem *fala em nome de quem ou de alguma perspectiva*. Na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada para o tratamento dos dados, logo após fazemos uma descrição dos principais resultados e por fim realizamos a análise qualitativa.

Representação por perspectiva

Para discutir a representação por perspectivas, nortearmos nossa discussão em três pontos: a) a compreensão da dinâmica do falar em nome de; b) como se dá a legitimidade da representação e c) como a representação por perspectiva é importante para o feminismo e o feminejo.

Para buscar compreender o lugar de fala dessas cantoras da música sertaneja em relação às pautas feministas expressas nas suas músicas, utilizaremos o conceito de representação por perspectivas, de Iris Young. Essa ideia de representação descolada das eleições vem sendo desenvolvida por vários autores com nomenclaturas distintas

tais como representação discursiva (Dryzek, & Niemeyer, 2008), representação política não eleitoral (Urbinati, 2006) ou demandas de representação (*representative claims*, Saward, 2010;)

Compreende-se a dinâmica da representação por perspectiva como aquela dentro e/ou fora dos períodos eleitorais que se baseia no *falar em nome de um ponto vista*. São discursos que buscam representar perspectivas (Young, 2000) numa contínua troca discursiva em que aqueles que dizem representar explicitam ideias e razões. A legitimidade está na dinâmica discursiva que permeia as relações entre representantes, representados e perspectivas sociais. O foco está mais no processo e no ato de representar do que no resultado “a perspectiva é um modo de olhar os processos sociais sem determinar o que se vê” (Young, 2000).

No capítulo “Representation and Social Perspectives”⁹, Íris Young contrapõe o argumento de alguns teóricos políticos, que concebem a ideia de uma autêntica democracia atrelada a chamada copresença. O conceito é baseado na ideia de que as tomadas de decisões são realizadas em determinados espaços e no encontro entre os cidadãos. Em primeiro lugar, a noção de copresença é tensionada por Young (2000), que argumenta que no contexto social moderno não se é possível estar presente em todos os locais de tomadas de decisões que afetam as nossas vidas. Portanto, existe uma expectativa que outras pessoas que se inserem em contextos semelhantes aos nossos nos representem nos fóruns deliberativos. O “*falar em nome de*” traz uma nova concepção para consolidarmos a ideia de representação política como processo democrático que ocorre tanto nas tomadas de decisão dos centros políticos quanto fora deles. Além disso, representa-se perspectivas também em fenômenos que não necessariamente buscam tomada de decisão formal, como é o caso do presente artigo.

Em segundo lugar, a autora afirma que a ideia de copresença reforça uma noção identitária e substitutiva que tenta reduzir muitas identidades (representados) em uma única (representante), como se fosse possível que uma pessoa estivesse presente e agisse como todas as demais. Para a fundamentação de sua opinião, a autora explica a necessidade de entendermos que há uma diferença entre os dois sujeitos da representação e evidencia que *falar por* engloba perspectivas mais plurais e não deve ser confundido com o falar no lugar de.

⁹ Inclusion and Democracy, 2000.

Ao questionar a legitimidade da representação, Young (2000) indaga sobre a figura do representante das perspectivas. É necessário ser alguém que possua atributos descritivos semelhantes aos do grupo social representado ou uma pessoa que não se enquadre nestes “pré-requisitos” também poderia se colocar como representante de tais perspectivas? A autora defende aspectos relevantes para os dois tipos de representantes acima descritos.

Para o primeiro tipo de representante – que possui atributos descritivos semelhantes ao do grupo social representado, como no caso as cantoras – ela defende que haja uma relação entre quem representa e quem é representado. Young afirma que o grupo representado deve discutir internamente a respeito de questões que esses acreditam que devam ser colocadas em pauta e convocar o representante a prestar contas. Também está a cargo dos representados avaliar quão bem “uma pessoa dotada dos supostos atributos descritivos efetivamente representa sua perspectiva social” (2000). No caso do movimento feminista, além de empoderar as mulheres para que as mesmas sejam protagonistas de suas reivindicações, pressupõe-se que somente mulheres possuem os atributos necessários para representar as perspectivas de liberdade e igualdade, pressupostas pelo feminismo, já que são elas que vivenciam os preconceitos e assédios impostos por uma sociedade machista e patriarcal.

Para o segundo tipo de representante - que não possui nenhum atributo descritivo semelhante ao do grupo social representado - Young argumenta que, embora não seja muito comum, é possível que ele represente as perspectivas daquele grupo social. A autora cita o exemplo do homem asiático-americano que cresce num bairro de afro-americanos e que conhece profundamente as perspectivas da comunidade. O asiático-americano estaria situado em relações que lhe propiciaram “experiência e percepções sociais similares às daquela pessoa que possui os atributos descritivos” (2000).

Para falarmos sobre o feminejo, partiremos do pressuposto de legitimidade do primeiro representante. Acreditamos que pessoas que pertencem ao grupo social marginalizado e que experienciam situações próprias dessa comunidade ¹¹tendem a possuir os atributos e a legitimidade necessária para realizar a representação das mulheres . Entretanto, adotamos a representação por perspectiva, pois não basta ser

¹¹ Não reduzimos a pluralidade do feminino, mas partimos do pressuposto que antes de sua orientação sexual, gênero ou credo, o ponto de encontro entre todos essas características é o ser mulher.

mulher, mas defender pontos de vista que se relacionam com as demandas do movimento feminista. A ideia de perspectiva é acionada como um ponto de vista que duas pessoas de um mesmo grupo social compartilham, o que não implica, necessariamente, que ambas precisam posicionar-se de forma semelhante, já que ocupam diferentes lugares na sociedade (Young, 2000). Pensarmos o feminismo à luz das perspectivas abre possibilidades para um tipo de representação que dá conta da pluralidade que é o movimento, que abarca, inclusive, aquelas mulheres que não se posicionam como feministas e mesmo assim têm pontos de vista e falas que nos remete ao movimento organizado.

Sendo assim, a representação exercida pelas cantoras do sertanejo das demandas feministas torna-se um outro espaço para a manifestação das perspectivas propostas pelo feminismo, pois a noção de perspectiva vai muito além da de interesse. Quando a representação é tida como interesses de grupo, tende-se a reduzir a pluralidade das demandas do movimento a pequenas e conhecidas abordagens da luta, ao passo que se focarmos nas perspectivas de grupo, determinaremos uma “orientação geral sobre as questões políticas que não determina o que se vê e não dita conclusões específicas” (Young, 2000). Podemos pensar a representação feita pelas cantoras do feminejo da forma acima descrita: elas não possuem uma organização própria dos movimentos sociais, mas buscam por meio da música pautar as perspectivas das reivindicações do feminismo, desde a luta sobre o direito ao próprio corpo até a emancipação financeira e desconstruções de estereótipos de gênero.

Metodologia

Para compreender como a abordagem considerada feminista reverbera em reportagens sobre o tema, realizamos uma análise dos processos de representação por perspectiva em materiais jornalísticos. A metodologia combinou análise de conteúdo e mapeamento de *representative claims*. De acordo com Saward (2010), *claims* se define como "uma demanda de representar, ou uma demanda de quem sabe que representa o interesse de alguém ou de alguma coisa" (2010, p.42). Delimitamos nossa unidade de análise em proferimentos realizados pelas cantoras encontrados em jornais online, sites e blogs de notícias brasileiros.

A pesquisa exploratória comportou uma busca *online* filtrando por notícias, datas e palavras-chave “nome das cantoras” seguidas do termo “feminismo”, resultando em 95 matérias¹². O período abrange o início do sucesso das cantoras até os meses de abril e maio de 2017. Identificamos e analisamos apenas as matérias com temas feministas, num total de 39 reportagens. Em seguida, realizamos a análise baseada na metodologia de mapeamento de demandas de representação (Saward, 2010) combinada à análise de conteúdo no software NVIVO.

Após o mapeamento dos *claims* desenvolvemos um livro de códigos para identificar a dinâmica da representação nos proferimentos das cantoras. A partir de uma adaptação do *mapping claim* proposto por Saward (2010) e dos livros de códigos propostos por Koopmans (2002) focamos nossas análises em duas categorias que apresentam a temática de representação feminina. Na primeira identificou-se as “características do feminismo” que aparecem nas falas das cantoras. Em seguida tais características foram dispostas em: a) direito sobre o próprio corpo, b) emancipação e desconstrução de estereótipos, c) emancipação financeira, d) emancipação sentimental, e) espaço político de fala, f) igualdade de direitos, g) não se aplica e h) sororidade¹³. Na segunda categoria pretendeu-se identificar “em nome de quem” ou de qual grupo de representados as cantoras falam. A classificação foi realizada em: a) de quem gosta do gênero musical, b) mulheres e c) não se aplica.

A nossa unidade de análise é o proferimento, ou seja, a fala das cantoras em entrevistas para os mais diversos veículos midiáticos. Apesar de as demandas do movimento feminista serem encontradas de forma recorrente em seus pronunciamentos, consideramos explícitas manifestações como as de Maiara e Maraisa em um episódio de violência contra a mulher que as irmãs presenciaram e não se calaram: “Bater em mulher no meu show não, cara. Aqui não”. Outras foram observadas de forma implícita, como a fala de Marília Mendonça quando perguntada a respeito de seu corpo: “não sou obrigada a ser magra”.

¹² Restringimos a busca aos 40 primeiros achados do Google devido ao grande número de matérias, muitas repetidas ao longo da busca.

¹³ A seguir iremos descrever o significado de cada uma das categorias do livro de códigos. “Direito sobre próprio o corpo” é referente a desconstrução de estereótipos e padrões de beleza estabelecidos pela sociedade. “Emancipação e desconstrução de estereótipos” temos destaque para o empoderamento feminino e a presença em lugares que anteriormente eram ocupados por homens, como a música sertaneja. “Emancipação financeira” faz alusão ao sucesso das cantoras. “Emancipação sentimental” se refere ao desapego de relações amorosas. “Espaço político de fala” diz respeito a um maior espaço para as mulheres se posicionarem. “Igualdade de direitos” corresponde a igualdade política, econômica e social entre homens e mulheres. “Não se aplica” para os os proferimentos analisados que não se aplicavam a nenhuma das características citadas. “Sororidade” corresponde a união e aliança entre as mulheres.

Uma amostra de 10%¹⁴ dos 400 proferimentos¹⁵ identificados nas 39 matérias analisadas, 40 *claims*, foi submetida a um teste de confiabilidade por dois codificadores. O teste de confiabilidade foi feito por meio de dois índices: a *porcentagem de concordância* e o *Kappa*. Chegamos a 91,12% de concordância e índice Kappa 0,653 na categoria “**características do feminismo**” e 98,5% de concordância e índice Kappa 0,859 na categoria “**falam em nome de**”. Os índices Kappa mostraram-se suficientes e confiáveis¹⁷. Após a realização do teste de confiabilidade, todos os proferimentos foram codificados a partir do *software* Nvivo nos dois grandes nós acima descritos. As 39 matérias com temas feministas foram analisadas qualitativamente segundo: a) tipo físico, b) independência financeira e sucesso profissional e c) feminismo e empoderamento.

Descrição e análise dos dados

O foco da nossa análise são os proferimentos realizados pelas cantoras. Dos 400 identificados e codificados nas matérias analisadas, 93 correspondem as falas delas na forma direta, entre aspas. A análise final foi feita a partir desses proferimentos de ordem direta. Os dados foram organizados da seguinte maneira. No primeiro momento descrevemos os dados relacionados às “características do feminismo” e em seguida ao “falam em nome de”, objeto da representação. Por fim, realizaremos a análise qualitativa.

¹⁴ Para a o teste de confiabilidade, o Índice Kappa estabelece que 10% do material de análise seja submetido à codificação por dois ou mais codificadores. A amostra (10%) deve ser feita de forma aleatória. Para o presente artigo, fizemos uso do site Sorteador para sortear os proferimentos que fariam parte do universo do teste.

¹⁵ Para o estudo optamos segmentar cada reportagem em falas (proferimentos), portanto, em uma mesma reportagem coexistem pronunciamentos dos mais diversos sujeitos (cantoras, *media*, especialistas). Entretanto, o artigo se dedica a analisar somente os proferimentos das cantoras.

¹⁷ Os parâmetros para os índices kappa indicam que, entre 0 e 0,20, trata-se de um grau de acordo fraco. Entre 0,20 e 0,40 razoável. Entre 0,40 e 0,60, moderado. Entre 0,60 e 0,80, bom; e por fim, entre 0,80 e 1, muito bom.

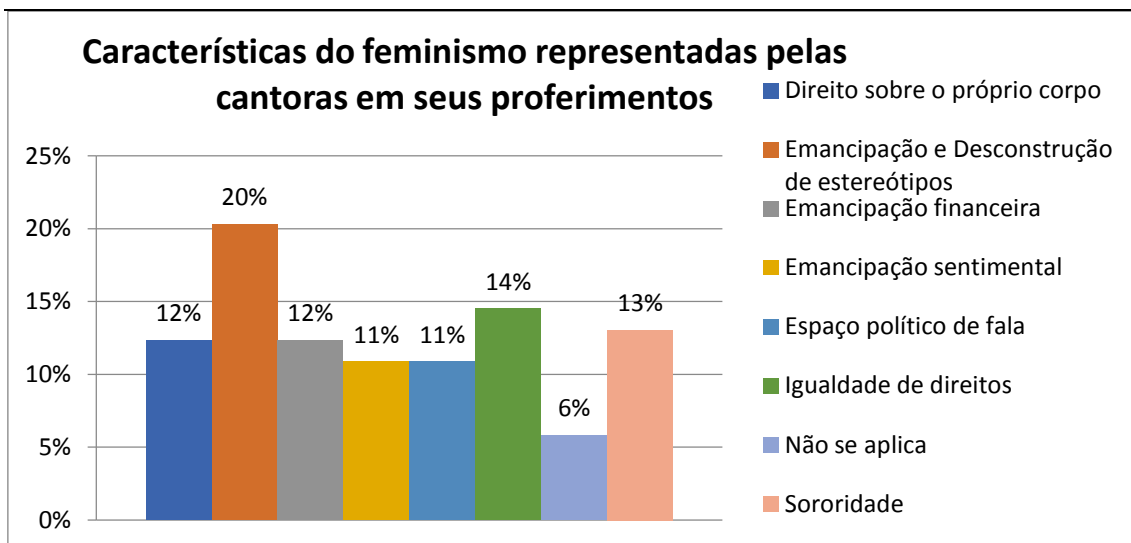


Figura 1: “Características do feminismo” de acordo com o posicionamento das cantoras

Na figura 1 observa-se que os discursos das cantoras possuem aspectos semelhantes aos das reivindicações feitas pelo movimento feminista. As principais demandas que aparecem nas falas das “feminejas” são “direito sobre o próprio corpo”(12%); “emancipação e desconstrução de estereótipos”(20%); “emancipação financeira”(12%); “emancipação sentimental”(11%); “espaço político de fala”(11%); “igualdade de direitos”(14%); “não se aplica”(6%) e “sororidade” (13%).

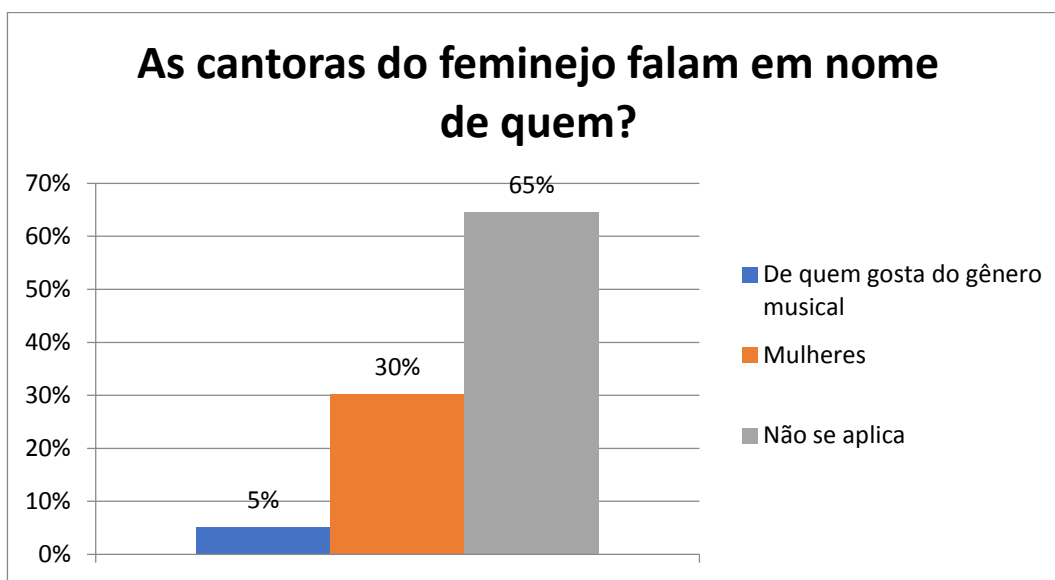


Figura 2: Objeto da representação

As cantoras do feminejo dizem representar “quem gosta do gênero musical” (5%) e as “mulheres” (30%). Em 65% dos proferimentos não mencionaram se falaram em nome de algo ou alguém. A partir dos gráficos acima, iniciaremos nossa análise a respeito da representação das demandas do feminismo feita pelas cantoras do sertanejo.

Análises qualitativas

Ao organizarmos o material, uma das categorias é a menção ao tipo físico da mulher ou especificamente das cantoras da música sertaneja. Segundo Miguel e Biroli (2014), o padrão de beleza pré-estabelecido socialmente corrobora com as desigualdades de gênero e incidem de forma negativa para a autoaceitação da mulher. Subordinam as mulheres à busca por um corpo dentro dos padrões, o que leva muitas à autoestima negativa, inferiorização e opressão. O feminismo busca a autonomia e o direito de as mulheres decidirem sobre o próprio corpo. Em algumas matérias as cantoras argumentam contra padrões de beleza impostos.

Nada na minha vida é imposto! Não sou obrigada a ser magra, me render a modinhas para ser feliz. Eu canto, não subo na passarela. Inventam um padrão e as pessoas têm de seguir. Isso é um absurdo. Você tem de fazer e ser como quiser. (Marília Mendonça - Revista Marie Claire, 2016²⁶)

Eu não sou nenhum estereótipo de beleza, que parece uma Barbie, que parece uma boneca, uma gostosona do funk, uma mulher fruta. Eu sou uma mulher normal e eu acho que a partir disso as mulheres colocaram em mim uma certa confiança, um certo carinho. (Naiara Azevedo – Uol, 2013²⁷)

Ao assumirem que não se enquadram nos padrões ou que possuem outro tipo de beleza, elas compreendem que possuem o direito sobre o corpo, e, portanto, não reproduzem estereótipos de beleza por vezes inalcançáveis às mulheres. Outro aspecto relevante na categoria “tipo físico” é o de que a aproximação entre os corpos das artistas e das “mulheres comuns” é acionado como justificativa para o sucesso do feminejo junto ao público feminino, como explicitado acima na fala de Naiara Azevedo.

Na categoria de independência financeira e sucesso profissional, alguns autores indicam que a divisão sexual do trabalho tem relação direta com a autonomia de homens e mulheres, com o acesso diferenciado aos recursos e conseqüentemente às oportunidades (Miguel e Biroli, 2014). A divisão sexual do trabalho opera na atribuição de papéis desiguais para homens e mulheres. Enquanto os homens são delegados à

²⁶ “Não sou obrigada a ser magra” dispara Marília Mendonça sobre o corpo. (<https://goo.gl/poRxco>)

²⁷ Aposta do sertanejo, Naiara Azevedo dá voz a mulheres fora do padrão de beleza. (<https://goo.gl/xTM36L>)

esfera produtiva, as mulheres são condicionadas à esfera doméstica e do cuidado. O feminismo critica a naturalização de que a mulher é condicionada ao lar e reivindica maior participação nas esferas do trabalho ou políticas.

Garotas-propaganda de duas marcas, uma de produtos para cabelo (Niely Gold) e outra de cosméticos (Avon), as irmãs lucraram meio milhão de reais para cada campanha. E tem mais: o cachê delas para os shows é considerado um dos mais altos do mundo sertanejo²⁸. (Pure People, 2017)

O hit Infiel foi um dos mais tocados no último ano e o sucesso de Marília está registrado em seu mais novo trabalho, o DVD *Realidade: Ao vivo em Manaus*, que reuniu nada menos do que 40 mil pessoas no bumbódromo da capital do Amazonas²⁹. (Minha Novela, 2017)

Simone e Simaria só têm motivos para comemorar. A dupla alcançou uma marca histórica: em 40 dias, o clipe da música *Loka* atingiu 100 milhões de visualizações³⁰. (R7, 2017)

As cantoras subvertem a divisão sexual do trabalho e também a naturalização de que a música sertaneja é cantada apenas por homens, rompendo tabus enraizados no gênero. E ainda, destacam a alta remuneração oriunda do trabalho com a música. Destacamos também a relação intrínseca entre o sucesso conquistado pelas cantoras com o maior espaço de fala que essas mulheres possuem atualmente, propiciado por um histórico de luta de artistas anteriores e também pelo deslocamento da esfera privada para a esfera pública.

A linguagem dessa nova safra sertaneja envolve bar, bebida, farra. Elas não se submetem ao machismo. Se artistas como eu não tivessem levantado com afinco essa bandeira, seria muito mais difícil seu trabalho. Elas sabem disso, nós lhes deixamos um legado. Luto por elas há 30 anos, estou aqui para abraçá-las³¹. (Roberta Miranda - Diário de Pernambuco, 2017)

Canto histórias minhas que elas se identificam. Mulher não é mais aquela princesinha que fica esperando o príncipe encantado em casa. Mulher sai, vai pra festa, bebe, é traída e trai também. Faltava alguém vir e falar quem é a mulher atualmente e eu fiz isso. (...) Quem tem de falar pela mulher é a própria mulher. Nas canções cantadas pelos homens, eles falam deles e diziam o que tínhamos de falar e fazer. Agora estamos falando de mulher para mulher, o que elas querem ser, como querem se comporta³². (Marília Mendonça - O Popular, 2016)

Na última categoria “feminismo e empoderamento”, buscamos analisar expressões de autovalorização, equidade entre gêneros e liberdade de escolha, capazes

²⁸ Maiara e Maraísa têm cachê de meio milhão em campanha publicitária, diz revista. (<https://goo.gl/BemCq1>)

²⁹ Aos 21 anos, Marília Mendonça se consolida como estrela do sertanejo (<https://goo.gl/qCWjCz>)

³⁰ Simone e Simaria atingem 100 milhões de visualizações em clipe de Loka (<http://encurtador.com.br/hPT78>)

³¹ De Marília Mendonça a Karla Karolla: sertanejas cantam o empoderamento e resistem ao título de feministas. (<https://goo.gl/zsnPNk>)

³² Marília Mendonça: “Estamos falando de mulher para mulher”. (<https://goo.gl/uXohcQ>)

de revelar uma alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher. Compreende-se o empoderamento como

“uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações”. (Lisboa, 2008).

Identificamos recorrentes expressões de empoderamento psicológico (Friedman, 1996), como a consciência da mulher sobre sua autonomia, questões de auto-estima, autoconfiança e segurança:

Você pode fazer onde você quiser, mas no meu show você não bate em mulher não, seu covarde. Gente, é sério, uma pessoa que tem coragem de fazer isso em um show, de mulher ainda. A gente está aqui para se divertir, exaltar as mulheres³³. (Maiara e Maraísa - Site Ondda, 2016)

...cantamos o que sentimos e mostramos que temos direitos iguais aos dos homens. Se agradamos as meninas do movimento feminista, ficamos felizes. Temos uma parceria total e vamos defender as mulheres. Vai ter bebedeira, sim³⁴. (Maiara e Maraísa - RedeTV, 2017)

Eu acredito na mulher que é ousada porque hoje em dia nós estamos ocupando um lugar muito acima do que nós ocupávamos há um tempo atrás... É isso que eu procuro colocar na minha música. A mulher sem medo, à frente de tudo³⁵. (Naiara Azevedo - Uol, 2013)

Nas reportagens, as cantoras mencionam que “dizem o que a mulher quer ouvir”, e que “defendem as mulheres”: “nós cantamos a realidade e o que as mulheres querem ouvir. São músicas que falam sobre o nosso dia a dia, por isso as pessoas se identificam” (Maiara, para a Revista Contigo). Ao destacarem que são porta-vozes dos anseios de mulheres brasileiras público do *feminejo* elas mostram que falam em nome de uma determinada perspectiva que valoriza as escolhas das mulheres sobre o próprio corpo, o sucesso profissional e a independência financeira e o empoderamento feminino. Representam discursivamente esses pontos de vista considerados feministas para uma ampla audiência. Por outro lado, recusam o título de feministas, ainda que as perspectivas representadas o sejam (Young, 2000). “Eu só acho que não se deve colocar, ah, só o homem pode fazer isso, só a mulher pode fazer aquilo. Cada um faz o que acha que é bom para si”³⁶, diz Naiara Azevedo para o site Uol, quando perguntada sobre ser feminista.

³³ Maiara e Maraísa para show por briga e avisa “Bater em mulher no meu show não”. (<https://goo.gl/emtm13>)

³⁴ Maiara e Maraísa não se consideram feministas: “Cantamos o que sentimos”. (<https://goo.gl/uVLBFt>)

³⁵ Aposta do sertanejo, Naiara Azevedo dá voz a mulheres fora do padrão de beleza. (<https://goo.gl/xTM36L>)

³⁶ Aposta do sertanejo, Naiara Azevedo dá voz a mulheres fora do padrão de beleza. (<https://goo.gl/xTM36L>)

Surgiram algumas conversas até de que ‘a Marília Mendonça não gosta de feminismo’. Eu não concordo com alguns conceitos porque o que conquistei foi ‘no ralo’, foi no trabalho, ninguém sentiu dó de mim. Hoje em dia há o machismo principalmente da mulher, quem me critica no Instagram é a mulher [...] Nós (mulheres que cantam sertanejo) não usamos conceitos feministas, nós acreditamos que o poder da mulher é vindo de muito trabalho³⁷. (Marília Mendonça -Yahoo, 2016)

A recusa ao rótulo de feministas conduz a uma ambiguidade própria do ato de representar (Garcêz e Maia, 2016; Saward, 2010). Ao mesmo tempo em que defendem pautas feministas não se definem como tal. Conforme identificado, as cantoras defendem a ruptura com os padrões de beleza, a inserção no mercado de trabalho fonográfico em condições de igualdade com os homens e o empoderamento feminino. Essas são perspectivas encampadas pelo feminismo. Ou seja, as cantoras representam perspectivas feministas, ao mesmo tempo em que algumas vezes negam esse feminismo. Aí está a vantagem de pensar a representação por perspectiva. Os pontos de vista estão lá, representados, ainda que não sejam nomeados de feminismo.

Além disso, são as próprias mulheres, parte do grupo de representadas, que cantam as músicas. A experiência de ser mulher agrega legitimidade à representação, e essa legitimidade se acentua quando as perspectivas defendidas são parte do repertório de lutas de mulheres por seus direitos e condições de igualdade. Não precisam fazer parte de um grupo organizado, mas defender pontos de vista discursivamente circulam em sociedade e que buscam o reconhecimento das mulheres e seus direitos.

Considerações finais

Evidenciamos neste trabalho que vários aspectos das lutas feministas são defendidos pelas cantoras do *feminejo*, como a crítica aos padrões de beleza, a defesa da autonomia e liberdade de decidir sobre o próprio corpo, a independência financeira e o empoderamento profissional e afetivo. Elas falam em nome das mulheres brasileiras e promovem uma representação de temas da pauta feminista. Por outro lado, o rótulo de feministas é rejeitado por elas, revelando uma ambiguidade própria da dinâmica da representação não eleitoral. As perspectivas representadas nem sempre são nomeadas como feministas e nem sempre invocam lutas organizadas historicamente, o que não necessariamente invalida o posicionamento das cantoras do *feminejo*, visto que na sua substância tais perspectivas são representadas discursivamente.

³⁷ Marília Mendonça: “Hoje em dia há o machismo da mulher”. (<https://goo.gl/EmNKNT>)

Referências bibliográficas

Álbuns: Ao Vivo 2011/Totalmente diferente 2013 – Naiara Azevedo

Álbum: Live 2016 – Simone e Simaria

Dryzek, J.S. & Niemeyer, S. **Discursive representation**. American Political Science Review, 2008, p. 481-493.

Friedman, John. **Empowerment - uma política de desenvolvimento alternativo**. Oeiras, Celta, 2016.

Garcêz, Regiane Lucas de Oliveira. **Representação política e lutas sociais: Quem fala em nome de quem no debate sobre a educação de surdos**. 2015.186f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanadas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Garcêz, R. L. O.; Maia, R. C. M. **Representação política não-eleitoral na perspectiva processual: discursividade e estratégia no debate sobre a educação de surdos**. Revista Compolitica, 2016, v. 6, p. 7-34.

Lisboa, Teresa Kleba. **O Empoderamento como Estratégia de Inclusão das Mulheres nas Políticas Sociais**. Florianópolis, 2008.

Miguel, Luis Felipe., Biroli, Flávia. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo. Boi Tempo Editorial, 2014.

Saward, M. **The representative claim**. Nova York: Oxford University Pres, 2010.

Urbinati, N. & Warren, M.E. **The concept representation in contemporary democratic theory**. The Annual Review Political Science.2008. Nº 11, p. 387-412.

Urbinati, N. **Representative Democracy**. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

Young, I.M.. **Inclusion and Democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

